

O TESTEMUNHO DE IRINEU SOBRE OS QUATRO EVANGELHOS: ALGUMAS REFLEXÕES A PARTIR DA OBRA CONTRA AS HERESIAS

Leonardo dos Santos Silveira¹⁰⁶

Ivan Dias da Silva¹⁰⁷

RESUMO: Irineu de Lião (c. 130–202 d.C.) é conhecido como a primeira testemunha do cânon quádruplo dos Evangelhos contido no Novo Testamento. No livro III de seu *Contra as Heresias*, ele não apenas afirma que existem quatro Evangelhos, mas, usando analogias naturais, argumenta que quatro é o número adequado, pois fornece uma base estável que permite que a Igreja esteja equipada com o Evangelho e o espírito de vida para trazer vida à humanidade. A proposta deste artigo é analisar um trecho dessa obra, que trata da composição dos quatro Evangelhos (*Contra as Heresias* III.1,1). Para tanto, em um primeiro momento, elementos da vida e das obras de Irineu serão destacados; num segundo momento, um trecho que fala dos Evangelhos em *Contra as Heresias* (III.1,1) será objeto de análise; e, por fim, outros desdobramentos da relação de Irineu com a origem e formação dos quatro Evangelhos encerrarão o percurso investigativo.

Palavras-chave: Irineu de Lião; *Contra as Heresias*; Evangelhos; Patrística; Novo Testamento.

ABSTRACT: Irenaeus of Lyons (c. 130–202 A.D.) is known as the first witness to the fourfold canon of Gospels contained in the New Testament. In book III of his *Against Heresies*, he not only asserts that there are four Gospels, but, using natural analogies, argues that four is the appropriate number, as it provides a stable foundation that allows the church to be equipped with the Gospel and the spirit of life to bring life to humanity. The purpose of this article is to analyze an

¹⁰⁶ Doutor e Mestre em Teologia Bíblica pela PUC-Rio. Doutorando em Letras Clássicas pela URFJ. Bacharel em Teologia pela FAECAD; Bacharel em Letras-Grego pela UFF e Licenciado em História pela UNESA. Professor da Faculdade Batista do Rio de Janeiro (FABAT). Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/0189603895335569>>. E-mail: leonardo@seminariosul.com.br.

¹⁰⁷ Doutor em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora - MG (2016), com Bolsa Sanduíche da Capes na Baylor University, Texas- EUA (outubro/2014 a março/2015), Mestre em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora - MG (2012), orientador: Dr. Wilmar do Vale Barbosa, Bacharel em Teologia pelo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil (1992) e pela Faculdade Teológica Sul Americana (2006).

excerpt from this work, which deals with the composition of the four Gospels (*Against Heresies* III.1,1). To this end, initially, elements of Irineu's life and works will be highlighted; in a second moment, an excerpt that talks about the Gospels in *Against Heresies* (III.1,1) will be the object of analysis and; Finally, other developments in Irenaeus' relationship with the origin and formation of the four Gospels will conclude the investigative journey.

Keywords: Irenaeus of Lyons; Against Heresies; Gospels; Patristics; New Testament.

INTRODUÇÃO

Nos estudos sobre o Novo Testamento, nos seminários e nas graduações em Teologia, o nome de Irineu de Lião (c. 130–202 d.C.) é frequentemente mencionado. Ele é conhecido como a primeira testemunha a defender a existência de um cânon quádruplo dos Evangelhos. Além disso, quando se fala das evidências externas sobre a autoria dos Evangelhos, seu nome é citado, e trechos de sua principal obra são destacados nos livros de introdução ao Novo Testamento.

De forma sintética, quando se fala de Irineu, menciona-se que ele veio do Oriente, foi bispo de Lião por volta de 180 d.C. e escreveu a obra *Contra as Heresias*, onde combateu o Gnosticismo.

O objetivo principal deste artigo é ir além desses dados e tratar de um trecho dessa obra, onde o bispo de Lião fala a respeito da composição dos quatro Evangelhos em uma curta passagem (III.1,1). O artigo procura responder à seguinte questão: como Irineu contribuiu para o processo de compreensão da origem e formação dos Evangelhos? Para tanto, em um primeiro momento, elementos da vida e das obras de Irineu serão destacados; num segundo momento, um trecho sobre os Evangelhos em *Contra as Heresias* (III.1,1) será objeto de análise; e, por fim, outros desdobramentos da relação de Irineu com a origem e formação dos quatro Evangelhos encerrarão o percurso investigativo.

1. IRINEU: VIDA E OBRAS

O estudo da vida e das obras de Irineu deve começar com o relato mais antigo que temos preservado na *História Eclesiástica* de Eusébio de Cesareia (c. 265–340 d.C.), cuja primeira edição foi produzida pouco antes do ano 300 d.C. Eusébio nos conta que Irineu (i) foi em sua juventude um “ouvinte” de Policarpo de Esmirna (c. 69–155 d.C.)¹⁰⁸; (ii) tornou-se bispo de Lião, na Gália,

¹⁰⁸ EUSÉBIO DE CESAREIA. *História Eclesiástica*. IV.14,1-3.

por volta de 180 d.C.¹⁰⁹; ele forneceu (iii) um catálogo dos escritos do próprio Irineu, pelo menos aqueles “que chegaram ao nosso conhecimento¹¹⁰” e (iv) um relato dos livros que Irineu aceitou como canônicos¹¹¹; (v) expressou dúvidas sobre opiniões de Irineu sobre o quiliasmo e o reinado milenar de Cristo¹¹²; mas (vi) o conhece como um homem de paz e como alguém que foi ativo e influente nos assuntos eclesiásticos de sua época¹¹³.

Irineu menciona duas vezes que conheceu Policarpo, que segundo ele, “tinha sido ensinado pelos apóstolos e conversado com muitos que tinham visto o Senhor e foi estabelecido como bispo pelos apóstolos”¹¹⁴ – Policarpo, “a quem também vimos quando éramos jovens”¹¹⁵. Em uma carta que Eusébio cita (e que foi perdida) ele diz:

Eu te poderia dizer – escreve ele a Florino, ex-condiscípulo de Policarpo, que apostatara tornando-se valentiniano – qual o lugar onde o devoto Policarpo costumava sentar-se para falar-nos, e como entrava nos argumentos; que tipo de vida tinha, qual o aspecto de sua pessoa, os discursos que fazia ao povo, como nos discorria sobre os colóquios íntimos que tinha com João e com os outros que haviam visto o Senhor, seus milagres e sua doutrina. Tudo isto Policarpo aprendeu com testemunhas oculares do Verbo da Vida e o anunciava em plena harmonia com as Sagradas Escrituras¹¹⁶.

Essa informação nos leva de volta a meados do século II d.C., uma vez que Policarpo foi martirizado em 157 d.C. aos oitenta e seis anos. O bispo de Esmirna é importante para Irineu porque ele considera que, através de Policarpo, está ligado à era apostólica. Chega-se então a um dos elementos centrais da teologia de Irineu: o papel do bispo e a sucessão dos apóstolos. Para ele, o bispo é antes de tudo um mestre, uma testemunha publicamente credenciada do

¹⁰⁹ EUSÉBIO DE CESAREIA. *História Eclesiástica*. V.5,8.

¹¹⁰ EUSÉBIO DE CESAREIA. *História Eclesiástica*. V.26,1.

¹¹¹ EUSÉBIO DE CESAREIA. *História Eclesiástica*. V.8.

¹¹² EUSÉBIO DE CESAREIA. *História Eclesiástica*. III.39,13.

¹¹³ EUSÉBIO DE CESAREIA. *História Eclesiástica*. V.24,18.

¹¹⁴ IRINEU DE LIÃO. *Contra as Heresias*. III.3,4.

¹¹⁵ IRINEU DE LIÃO. *Contra as Heresias*. III.3,4.

¹¹⁶ EUSÉBIO DE CESAREIA. *História Eclesiástica*. V.20,5-60.

ensinamento dos apóstolos¹¹⁷. Isso pode ser claramente visto na sua enumeração dos sucessivos bispos de Roma¹¹⁸.

Para Irineu, o bispo era um porta-voz oficial – o indivíduo nomeável e identificável que era possível consultar em cada cidade para descobrir o que os apóstolos haviam ensinado. Mas mesmo na época de Eusébio, essa imagem do bispo como porta-voz e testemunha estava para ser substituída por um modelo mais jurídico, baseado na ideia de uma sucessão de autoridade. Os bispos proporcionavam um sentimento de conexão histórica com a memória dos apóstolos de Jesus, que foram os primeiros membros das várias cadeias de sucessão episcopal: os bispos tinham-se tornado o que os apóstolos eram¹¹⁹. Por isso, a importância de Policarpo para Irineu.

Irineu também nunca menciona Lião, embora diga que vive “entre os celtas” e “se ocupa” “na maior parte do tempo com uma língua bárbara”¹²⁰. A cidade era uma colônia romana e, até meados do século III, a maior cidade ao norte dos Alpes. Foi o centro religioso e econômico de toda a Gália e ficava situada às margens do Rio Ródano num território predominantemente céltico¹²¹.

Figuras importantes de todas as províncias gaulesas se reuniam anualmente para oferecer sacrifícios no altar de Roma e de Augusto. Era também uma cidade cosmopolita. Não sabemos o que inicialmente levou Irineu até lá, mas ele seguia um caminho trilhado por muitos outros vindos do Oriente. Uma comunidade cristã já estava bem estabelecida entre os gauleses na época em que Irineu chegou lá, na segunda metade do século II, e numerosas comunidades cristãs estão espalhadas por toda a África no ano 200 d.C¹²². O seu rebanho deve ter sido constituído em grande parte, embora não exclusivamente, por imigrantes, provavelmente mercadores que também eram da Ásia Menor. Era uma comunidade de língua grega numa cidade de língua latina, situada no meio de uma população de língua celta¹²³. Por volta do ano 177 ou pouco antes de eclodir uma cruel perseguição local, Irineu foi levado a Roma com uma carta

¹¹⁷ PELIKAN, J. *A Tradição Cristã*. p. 134.

¹¹⁸ IRINEU DE LIÃO. *Contra as Heresias*. III.3,37.

¹¹⁹ IRVIN, D. T.; SUNQUIST, S. W. *História do Movimento Cristão Mundial*. Volume I. p. 97. É oportuno aqui destacar a citação de Pápias, que ouviu palavras dos que conheceram os apóstolos: “Eu simplesmente acertei como certo que o conhecimento dos livros não me ajudaria tanto quanto uma voz viva ou ainda sobrevivente” (EUSÉBIO DE CESAREIA. *História Eclesiástica*. III.39,4).

¹²⁰ IRINEU DE LIÃO. *Contra as Heresias*. I.Pr., 3.

¹²¹ IRVIN, D. T.; SUNQUIST, S. W. *História do Movimento Cristão Mundial*. Volume I. p. 107.

¹²² WILHITE, D. E. *Second-Century Diversity*. p. 50.

¹²³ IRVIN, D. T.; SUNQUIST, S. W. *História do Movimento Cristão Mundial*. Volume I. p. 107.

para a igreja de lá. Depois, após os martírios, foi eleito bispo de Lião, procurando responder ao desafio que ele via proveniente dos mestres gnósticos em Roma e em sua própria região¹²⁴.

Assim, dentro de sua comunidade ele encontrou uma série de grupos concorrentes que podem ser agrupados de forma vaga e imprecisa sob a rubrica moderna de “gnosticismo”¹²⁵. No geral, Irineu tem uma compreensão razoavelmente clara do que os gnósticos diziam, embora muito pouca compreensão do motivo pelo qual o dizem – e talvez muito pouco desejo de compreender. Seu propósito – tão típico da antiguidade – é a refutação, não o diálogo, e ele não tem nenhuma simpatia pelo pensamento deles.

Eusébio enumera oito obras de Irineu e cita trechos de quatro delas¹²⁶. Apenas duas chegaram até nós e nenhuma delas no original grego. Sua obra-prima, em cinco livros, que chamamos *Contra as Heresias* e que ele chamou de *Refutação e Derrubada do Conhecimento Falsamente Nomeado*¹²⁷, sobrevive como um todo apenas em uma versão latina antiga, e mesmo esta não está totalmente completa. Existem extensos fragmentos em grego e armênio, e todos os livros IV e V são preservados em uma versão armênia literal, que talvez seja tão antiga quanto o século V¹²⁸. *Contra as Heresias* foi provavelmente escrito por volta de 185 d.C.

A outra obra que sobreviveu é a *Demonstração da Pregação Apostólica*, conhecida também por Eusébio¹²⁹ e é em grande parte de caráter catequético e concentra-se em tipos e profecias de Cristo no Antigo Testamento. Logo, tudo culmina em Cristo, tal como pregado pelos apóstolos, descrevendo como Jesus Cristo esteve presente em toda a economia da salvação, já sendo visto,

¹²⁴ IRVIN, D. T.; SUNQUIST, S. W. **História do Movimento Cristão Mundial**. Volume I. p. 160.

¹²⁵ Segundo Osborn, “o gnosticismo é ‘uma doutrina de redenção, que apareceu entre cristãos e pagãos na antiguidade tardia’”. O autor menciona seis características comuns dentre os vários tipos de gnosticismo: (i) um dualismo cósmico, segundo o qual o mundo é mau e governado por poderes malignos. Matéria e espírito estão fortemente opostos, mas todas as coisas estão sob o domínio de um ou de outro; (ii) uma distinção clara entre o Deus Altíssimo e desconhecido, e o Deus que criou este mundo, geralmente identificado como o Deus criador do Antigo Testamento; (iii) alguns humanos são naturalmente semelhantes a Deus, carregando uma centelha de luz celestial, embora o seu corpo pertença a um mundo maligno; (iv) a condição humana e o desejo de liberdade são explicados por um mito de uma queda pré-cósmica; (v) os humanos são libertados pelo conhecimento da sua verdadeira natureza e origem celestial e; (vi) apenas alguns eleitos possuem a semente espiritual que determina pela sua presença ou ausência o destino e as escolhas morais de cada pessoa (ORBORN, E. **Irenaeus of Lyons**. p. 265).

¹²⁶ EUSÉBIO DE CESAREIA. **História Eclesiástica**. V. 20,1 e V.26.

¹²⁷ EUSÉBIO DE CESAREIA. **História Eclesiástica**. V. 7,1.

¹²⁸ MINNS, D. **Irenaeus**. p. 6.

¹²⁹ EUSÉBIO DE CESAREIA. **História Eclesiástica**. V.26.

em antecipação pelos patriarcas e sendo anunciado pelos profetas¹³⁰. Ambas as obras sobreviventes são, pelo menos em parte, de natureza pastoral e ambas são dirigidas às necessidades da própria comunidade de Irineu.

2. OS EVANGELHOS NO CONTRA AS HERESIAS III.1.1

No livro III de *Contra as Heresias*, a partir de III.1.1, Irineu identifica pela primeira vez os quatro Evangelhos de uma forma simples e sobriamente precisa. Para essa análise, utilizamos o texto grego reconstruído, uma vez que o texto original grego da obra foi perdido e apenas a tradução latina sobreviveu. Contudo, um grande número de fragmentos foi recuperado independentemente das citações patrísticas, de modo que a edição crítica francesa da série *Sources Chrétiennes* foi capaz de preparar uma tradução inversa, ou seja, do latim para o grego, aproximando-se, assim, do texto original. Assim, a edição francesa contém tanto o texto latino editado criticamente quanto um texto grego reconstruído¹³¹.

Na tabela abaixo temos esse texto grego com uma tradução em língua portuguesa:

Texto Grego	Tradução
Οὕτως Ματθαῖος ἐν τοῖς Ἑβραίοις τῇ ἰδίᾳ αὐτῶν διαλέκτῳ καὶ γραφὴν ἐξήνεγκεν εὐαγγελίου, τοῦ Πέτρου καὶ τοῦ Παύλου ἐν Ῥώμῃ εὐαγγελιζομένων καὶ θεμελιούντων τὴν ἐκκλησίαν•	Portanto, Mateus produziu entre os hebreus na própria língua deles um escrito do Evangelho, quando Pedro e Paulo em Roma evangelizavam e fundavam a igreja;
μετὰ δὲ τὴν τούτων ἔξοδον Μάρκος, ὁ μαθητὴς καὶ ἐρμηνευτὴς Πέτρου, καὶ αὐτὸς τὰ ὑπὸ Πέτρου κηρυσσόμενα ἐγγράφως ἡμῖν παραδέδωκεν•	e depois do êxodo deles, Marcos, o discípulo e intérprete de Pedro, nos transmitiu por escrito o que Pedro anunciava;

¹³⁰ BEHR, J. *Irenaeus of Lyons*. p. 133.

¹³¹ IRÉNÉE DE LYON. *Contre Les Hérésies*. Livre III. Tome II: Texte et Traduction. Sources Chrétiennes. Paris: Les Éditions Du Cerf, 1974.

καὶ Λουκᾶς δέ, ὁ ἀκόλουθος τοῦ Παύλου, τὸ ὑπ' ἐκείνου κηρυσσόμενον εὐαγγέλιον ἐν βίβλῳ κατέθετο.	e Lucas também, o companheiro de Paulo, colocava o Evangelho anunciado por aquele em um rolo.
ἔπειτα Ἰωάννης, ὁ μαθητὴς τοῦ κυρίου, ὁ καὶ ἐπὶ τὸ στῆθος αὐτοῦ ἀναπεσὼν, καὶ αὐτὸς ἐξέδωκεν τὸ εὐαγγέλιον, ἐν Ἐφέσῳ τῆς Ἀσίας διατρίβων.	em seguida João, o discípulo do Senhor, o que recostara a cabeça sobre o peito dele, também ele produzira o Evangelho, quando morava em Éfeso, na Ásia.

Tabela 1 - Texto Grego e Tradução de Contra as Heresias, III.1.1.

Para a compreensão desse trecho é preciso antes verificar em que contexto ele se situa. O Prefácio do Livro III faz uma retrospectiva em que Irineu relembra os Livros I e II, nesses livros, ele desenvolveu a tarefa que recebeu de seu patrocinador que era a de examinar as diversas doutrinas dos gnósticos valentinianos. Mas ele diz que conseguiu mais do que aquilo que lhe foi pedido. No Livro I procurou mostrar os ensinamentos, costumes e moral dos gnósticos. Depois, no Livro II, expôs a fraqueza das doutrinas dos gnósticos pelo simples ato de desvendar esses ensinamentos “tais como eles são”¹³². Ele esperava, ao fazê-lo, tornar o leitor preparado para ver os erros, contradições e absurdos das doutrinas valentinianas.

Agora, no Livro III, Irineu apresenta argumentos bíblicos para fornecer uma base positiva para refutar as heresias e exibir os ensinamentos corretos da Igreja. Num comentário final, expande ainda mais esse tópico, afirmando que, ao fazer mais do que lhe foi pedido, ele imitou a Deus, porque os dons divinos sempre excedem o que é solicitado.

Assim, a partir das linhas iniciais do primeiro capítulo, Irineu fala sobre as fontes escritas das quais a verdade do Evangelho deve ser extraída. Ele prossegue em três passos curtos. Primeiro, ele diz que o Senhor deu o “poder do Evangelho” (ἐξουσία εὐαγγελίου) aos seus apóstolos para que através deles outros pudessem ter acesso à verdade, ou seja, ao ensino do Filho de Deus. O “poder do evangelho” evoca a autoridade conferida aos Doze por sua chamada (Mt 10.1; Mc 3.15), mas mais especificamente Mateus 28.18, onde Jesus diz

¹³² IRINEU DE LIÃO. *Contra as Heresias*. III.Pr.

explicitamente que o poder sobre todos é a base da missão universal dos onze discípulos reunidos na montanha da Galiléia.

A expressão “poder do Evangelho” é utilizada por Irineu, provavelmente, para expressar que a pregação autêntica do Evangelho requer autorização de Cristo. Em segundo lugar, ele explica que o Espírito Santo deve proporcionar o dom da compreensão. Assim, a sua capacitação pelo Cristo ressuscitado e a recepção do Espírito no Pentecostes prepararam os apóstolos para realizar uma transmissão autêntica do Evangelho. Em terceiro lugar, ele acrescenta que não apenas coletivamente, mas individualmente, eles foram capazes de transmitir autenticamente o Evangelho. Irineu, portanto, equiparando “o Evangelho” à mensagem de Cristo ou simplesmente à verdade, afirma que este Evangelho não pode ser transmitido de modo genuíno por outros indivíduos, a menos que compartilhem desta autorização original conferida aos apóstolos.

Assim, em seu esclarecimento da expressão “poder do Evangelho” (ἐξουσία εὐαγγελίου), antes de começar o trecho objeto deste artigo, Irineu concentra-se em livros escritos com a aprovação dos apóstolos para pregar “o Evangelho”, significando a verdade revelada. Cada um deles estava qualificado para anunciar o que ele chama, nas últimas palavras que precedem o trecho selecionado, “o Evangelho de Deus” (τὸ εὐαγγέλιον τοῦ θεοῦ).

O trecho em estudo começa com um conectivo lógico “portanto” (οὕτως). Até este ponto, o Livro III não diz nada sobre por que e como o Evangelho (no singular, um termo equivalente à verdade revelada em Cristo) foi consagrado em textos escritos. É através de uma súbita mudança de foco e perspectiva que a ideia de transpor o Evangelho da mensagem transmitida oralmente para documentos escritos se torna um tópico central das quatro declarações concisas que se seguem para descrever as origens dos quatro Evangelhos.

O tema da transformação da pregação oral em textos escritos é mantido no centro do discurso apenas nos três primeiros Evangelhos. Enquanto nas três primeiras frases as ideias de “pregar” e depois de “escrever” se alternam, a quarta frase (sobre o quarto evangelista) parece uma nota adicional na qual nenhuma menção é feita a uma pregação oral precedendo a produção de um livro. Na frase sobre Mateus temos “e escrito” (καὶ γραφὴν) e “evangelizavam” (εὐαγγελιζομένων), na frase sobre Marcos lemos “anunciava” (κηρυσσόμενα) e “por escrito transmitiu” (ἐγγράφως παραδέδωκεν) e na frase sobre Lucas temos “anunciado” (κηρυσσόμενον) e “em rolo” (ἐν βιβλῳ). Na frase sobre João, porém, nenhuma menção é feita à pregação. Há um “em seguida” (ἔπειτα)

contundente seguido por “também ele” (καὶ αὐτὸς) e uma referência explícita à produção de um livro, com “produzira” (ἐξέδωκεν).

Nas primeiras linhas do Prefácio do Livro III, Irineu fala sobre o Evangelho (no singular) apenas em termos gerais: ele fala de “apóstolos” duas vezes, novamente em geral, e no plural – com referência à sua tarefa conjunta de “ir por todo o mundo”¹³³. Não são dados nomes apostólicos e não são indicadas viagens missionárias específicas. Seis nomes são introduzidos (Mateus, Pedro, Paulo, Marcos, Lucas, João) e três regiões geográficas específicas são mencionadas (“entre os hebreus”, “em Roma”, “em Éfeso, na Ásia”) com todos esses nomes ocorrendo sem preparação prévia.

Além disso, de repente, o tema específico é a expressão escrita do Evangelho com referência a uma língua específica: Mateus escreve entre os hebreus “na sua própria língua”¹³⁴, diz-se que Marcos é auxiliado por Pedro como um “tradutor” ou “intérprete” – isto é, o problema da transição de uma língua para outra é assumido. Em seguida, diz-se que Marcos escreveu “para nós”, o que deve significar um livro em grego, sem dizer especificamente quem são estes “nós”. Nestas quatro frases que nomeiam seis pessoas, a palavra “apóstolo” não ocorre novamente nem no singular nem no plural¹³⁵.

Isto é particularmente estranho porque nos parágrafos anteriores à nossa passagem Irineu insistiu nos seus critérios para uma transmissão autêntica do Evangelho de tal forma que se esperaria pelo menos algumas palavras explicando em que sentido estes cinco homens estavam qualificados para possuir “o poder do evangelho” – isto é, autoridade para comunicar o “Evangelho de Deus”, que, de acordo com o Prefácio do Livro III, os apóstolos de Cristo possuíam exclusivamente como testemunhas diretas da ressurreição e destinatários do Espírito no primeiro Pentecostes.

É possível defender a continuidade lógica do texto alegando que o leitor deve saber sobre Mateus, Pedro, Paulo e João como apóstolos, mas mesmo assim o conceito de Irineu de ἐξουσία εὐαγγελίου, numa primeira impressão, não se ajustaria bem a Paulo¹³⁶. Além disso, mesmo se assumirmos que o

¹³³ Possivelmente uma citação do Salmo 18.5.

¹³⁴ A maior parte dos biblistas de hoje concorda que a versão que temos de Mateus, como a dos outros três Evangelhos canônicos, foi composta em grego (CARSON, D.A.; MOO, D. J.; MORRIS, L. **Introdução ao Novo Testamento**, p. 75-76).

¹³⁵ Irineu parece combinar o que Papias disse sobre Mateus e Marcos com a tradição sobre João em Éfeso. GRANT, R. M. **Irenaeus of Lyons**, p. 32.

¹³⁶ Paulo fala do “meu poder no evangelho” (ἐξουσία μου ἐν τῷ εὐαγγελίῳ) em 1Co 9.18, que é a formulação mais próxima da fórmula de Irineu.

leitor conhece a identidade de Marcos e Lucas, a maneira como eles aparecem repentinamente nesta obra é bastante incomum para Irineu. Precisaríamos saber como eles participaram do “poder do evangelho”. Evitar repetições ou economia de palavras não caracteriza o estilo de Irineu; em vez disso, ele é notoriamente extenso. No entanto, nos Livros I e II não foi dito ao leitor que Mateus era um apóstolo ou que Marcos e Lucas podem ser considerados como participantes do “poder do evangelho”, nem a própria passagem em análise compensa essas omissões.

3. OUTROS DESDOBRAMENTOS ACERCA DOS QUATRO EVANGELHOS

O trecho em estudo carece de outras observações, como o uso da palavra “êxodo” (ἔξοδος), que significa morte e não uma partida geográfica. Esta informação no texto de Irineu resulta na posição tradicional de que o Evangelho de Mateus é anterior ao de Marcos e, se relacionarmos a morte de Pedro e Paulo com o reinado de Nero, resulta uma cronologia parcial e relativa dos quatro Evangelhos: Mateus foi escrito (no máximo) no início dos anos sessenta, Marcos e Lucas foram escritos no final dos anos sessenta e o Evangelho de João significativamente mais tarde, embora nenhum *terminus ante quem* seja indicado¹³⁷.

Em outro lugar, porém, Irineu deixa claro que a longa velhice de João terminou sob o reinado de Trajano (96-117 d.C.). Reconhece-se também que a breve passagem de Irineu reflete a mesma relação cronológica indefinida entre Marcos e Lucas que permaneceu como a principal tradição da igreja desde então, pois ao longo da sua história a igreja nunca desenvolveu uma posição tradicional relativamente à prioridade de Marcos sobre Lucas ou de Lucas sobre Marcos, mesmo que no cânon Lucas siga Marcos – mas apenas no sentido em que Paulo segue Pedro no texto de Irineu.

No texto em análise é viável identificar duas características específicas. Por um lado, o próprio Irineu opera com uma teoria de apostolicidade bem desenvolvida: para ele os Evangelhos autênticos são aqueles que são apostólicos, relacionados especificamente com os Doze com as suas experiências da ressurreição e da descida do Espírito no Pentecostes, “pois a mensagem foi

¹³⁷ Uma parte dos biblistas atuais tem proposto uma data mais tardia para os Evangelhos, sobretudo os Sinóticos (BORING, M. E. **Introdução ao Novo Testamento**. Volume 2. p. 946, 968-969, 1054), enquanto outros seguem a datação proveniente das conclusões dos testemunhos patrísticos, como o de Irineu (CARSON, D.A.; MOO, D. J.; MORRIS, L. **Introdução ao Novo Testamento**. p. 85-90, 108-112, 129-131).

confiada à igreja, e a igreja é o lar do Espírito”¹³⁸. Por outro lado, ele inclui em seu raciocínio sobre a autoridade dos Evangelhos de um grupo aparentemente mais antigo, uma vez que “a identificação da tradição oral com a revelação original é garantida pela sucessão ininterrupta de bispos nas grandes sés, remontando diretamente aos apóstolos”¹³⁹.

As quatro frases sobre os quatro Evangelhos que Irineu escreve têm pelo menos três características: (i) elas não mencionam a palavra “apóstolo”, apenas nomes apostólicos de pessoas sobre quem e sobre cuja autoridade o leitor deve ser informado; (ii) elas assumem (no caso de Mateus, Marcos e Lucas) que o Evangelho escrito reflete a pregação oral, de modo que, pelo menos parcialmente, a questão da autenticidade é transferida da mensagem escrita para a pregação oral e; (iii) seguem um vocabulário anti-Marciano que fala de “o Evangelho” (τό εὐαγγέλιον) [no singular e com artigo definido], embora Irineu, escrevendo depois de Justino Mártir (c. 100–165 d.C.), se permita em outras passagens falar de “os Evangelhos”.

Outra passagem famosa acerca dos Evangelhos – em *Contra as Heresias* III.11.7-8 – enfatiza que deve haver exatamente quatro Evangelhos, nem mais nem menos. Este texto com suas imagens idiossincráticas é mais frequentemente citado como evidência de uma desenvolvida noção de um cânon fechado de quatro Evangelhos, incluindo Mateus, Marcos, Lucas e João, não permitindo que nenhum outro documento se junte a esta coleção privilegiada. Pode-se perguntar quão preciso e fechado era o cânon de Irineu em relação a outras partes do Novo Testamento, no entanto, ele certamente não considerou aceitar evangelhos apócrifos¹⁴⁰ ou comprometer qualquer um desses quatro.

O bispo de Lião procura justificar o número quatro com a ajuda de analogias emprestadas da natureza e da Escritura:

Não pode haver um número maior, nem menor, de evangelhos. Com efeito, visto que há quatro regiões do mundo em que estamos e quatro ventos principais, e visto que, por outro lado, a Igreja está espalhada por toda a terra, e que ela tem por coluna e por sustentáculo o Evangelho e o Espírito de vida, é natural que ela tenha quatro colunas que sopram, de todas as partes, a imortalidade e concedem a vida aos homens. Onde

¹³⁸ KELLY, J. N. D. *Patrística*. p. 27.

¹³⁹ KELLY, J. N. D. *Patrística*. p. 27.

¹⁴⁰ Para um estudo sobre os Evangelhos canônicos e apócrifos e o desenvolvimento do cânon do Novo Testamento: SCHRÖTER, J. *Apocryphal and Canonical Gospels within the Development of the New Testament Canon*. *Early Christianity*, n.7, 2016. p. 24-46.

decorre que o Verbo, Artesão do universo, que está acima dos Querubins e mantém todas as coisas, quando se manifestou aos homens nos deu o Evangelho em forma quádrupla, embora sustentado por um único Espírito¹⁴¹.

A citação acima se destaca por suas metáforas geográficas, pela atenção especial ao número quatro e pelas referências alegóricas feitas aos quatro seres celestiais de Ez 4.1-10 (também citado em Ap 4.6-8). Ampliando o sentido, Irineu se apoia sobre os querubins de quatro rostos de Ezequiel 1 e sobre as quatro criaturas vivas de Apocalipse 4.7, bem como sobre as quatro alianças de Deus com a humanidade (sob Adão, Noé, Moisés e Cristo). Essa argumentação em favor do número quatro tem sido interpretada no sentido de que Irineu está na origem do evangelho quádruplo, mas a análise do contexto mais amplo dessa passagem¹⁴² pode demonstrar, antes, que ele só faz defender uma realidade que já existia¹⁴³.

A proposta de um cânon de quatro Evangelhos não aconteceu rapidamente, pois a tendência de se concentrar em único Evangelho também foi uma opção. Irineu é um dos teólogos que nos transmite relatórios acerca de heresias judeu-cristãs e que, segundo ele, estariam defendendo o nascimento natural de Jesus, observando a Lei judaica e, para isso, utilizavam apenas o Evangelho de Mateus¹⁴⁴. Outra proposta foi o *Diatessaron* de Taciano (c. 120–172 d.C.), um testemunho mais antigo de uma utilização conjunta dos quatro Evangelhos, embora é preciso ter ciência de que os materiais reunidos no *Diatessaron* não provêm exclusivamente dos Evangelhos canônicos, mas de outras fontes. O escrito gozou de uma grande popularidade e se impôs, durante mais de dois séculos, como “o Evangelho”, das Igrejas de língua siríaca e, uma das razões para isso é “porque oferecia uma resposta ao problema levantado para a Igreja antiga pela existência de uma pluralidade de evangelhos”¹⁴⁵.

Mas, à luz da referência de Irineu ao cânon dos quatro Evangelhos e da sua menção e exegese específicas de Mateus, o uso do primeiro Evangelho pela Igreja primitiva é percebido desde cedo. A Igreja primitiva geralmente via Mateus como o Evangelho mais antigo, composto em hebraico para judeus pelo coletor de impostos que se tornou apóstolo e mais tarde traduzido para

¹⁴¹ IRINEU DE LIÃO. *Contra as Heresias*. III.11,8.

¹⁴² IRINEU DE LIÃO. *Contra as Heresias*. III.1,1-11,9.

¹⁴³ KAESTLI, J.-D. *História do cânon do Novo Testamento*. p. 577.

¹⁴⁴ MARKSCHIES, C. *De meados do século II até o final do século III*. p. 67.

¹⁴⁵ KAESTLI, J.-D. *História do cânon do Novo Testamento*. p. 583.

o grego. A tradição é vista pela primeira vez em Pápias, e, embora escritores posteriores estejam em dívida até certo ponto com seu testemunho, o conhecimento independente de alguns dos Pais não pode ser descartado, e o testemunho combinado parece se estender além dele, como foi visto em Irineu, mas também em Orígenes, Eusébio, Cirilo de Jerusalém e Jerônimo¹⁴⁶. Para Irineu, a orientação original do *Evangelho de Mateus* é vista imediatamente na genealogia. Ele escreveu para provar aos judeus que Cristo era descendente de Davi e para desenvolver a humanidade humilde e gentil do Verbo encarnado¹⁴⁷.

Devido ao maior detalhe nos outros relatos sinóticos, o *Evangelho de Marcos* recebeu pouca atenção individual no período patrístico. Contudo, os Pais fizeram uso seletivo de Marcos em seus vários escritos. Como vimos, Irineu situa a escrita de Marcos na época logo após a morte de Pedro. Ele o chama de Evangelho de “caráter profético”, revelado pelo Filho de Deus por meio do Espírito que paira sobre a Igreja, correspondendo à “criatura semelhante a uma águia alada” de Ap 4.7¹⁴⁸. Ele acredita que esta caracterização é apropriada porque o Evangelho começa com a profecia de Isaías e porque é “compêndio e sumário”, o que a profecia tende a ser¹⁴⁹.

Tal como acontece com Mateus, o uso do *Evangelho de Lucas* pela Igreja primitiva é bastante difuso através do cânon de quatro Evangelhos de Irineu, mas mesmo antes do bispo de Lião ter composto *Contra as Heresias*, o uso do Evangelho é possivelmente evidente em alguns Pais Apostólicos e em Justino Mártir (100–165 d.C.). Irineu relata que tanto Marcião quanto o gnóstico Valentino conheciam o *Evangelho de Lucas* e estavam sendo inconsistentes ao pegar partes dele e editar outro material¹⁵⁰. Já no segundo e no início do terceiro século, o *Evangelho de Lucas* é percebido como representativo do evangelho de Paulo (gentio) tanto pelos ortodoxos quanto pelos hereges¹⁵¹.

Irineu fez uso extensivo do *Evangelho de João* em *Contra as Heresias* para refutar os gnósticos e Marcião e explicar a fé ortodoxa. Sua síntese teológica, enfatizando a unidade da história da salvação, tratou de quase todos os temas principais do *Evangelho de João*. Como exemplo, ele percebeu claramente que

¹⁴⁶ KANNENGISSER, C. *Handbook of Patristic Exegesis*. p. 336-338.

¹⁴⁷ IRINEU DE LIÃO. *Contra as Heresias*. III.11,8.

¹⁴⁸ IRINEU DE LIÃO. *Contra as Heresias*. III.11,8.

¹⁴⁹ KANNENGISSER, C. *Handbook of Patristic Exegesis*. p. 343.

¹⁵⁰ IRINEU DE LIÃO. *Contra as Heresias*. III.14,3-4.

¹⁵¹ KANNENGISSER, C. *Handbook of Patristic Exegesis*. p. 344.

a “vida” ou “vida eterna” que pressupõe a fé em Jesus não é a vida biológica ou apenas uma existência continuada da alma, mas a comunhão com Deus Pai, através de Cristo, no Espírito Santo¹⁵².

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo procurou analisar, de forma sintética, um trecho do Livro III da obra *Contra as Heresias* de Irineu de Lião, identificando sua contribuição para a origem e o processo de formação do cânon do Novo Testamento, sobretudo dos quatro Evangelhos, bem como sua contribuição nas reflexões iniciais sobre a autoria vinculada aos apóstolos. Em virtude disso, muitos estudiosos às vezes afirmam que a posição de Irineu sobre os livros do Novo Testamento foi decisiva para a teologia cristã¹⁵³. Juntamente com Tertuliano (c. 160–225 d.C.), ele contribuiu imensamente para a formação daquilo que se tornou conhecido como a identidade ortodoxa cristã, fazendo claras distinções entre as ideias consideradas por eles como ortodoxas e as que chamavam heréticas¹⁵⁴.

Nos dados acerca de sua vida e das obras, constata-se a enorme influência que Eusébio teve na formação de sua imagem: um homem pacificador e de profunda preocupação pastoral, firmemente enraizado nas tradições da sua cidade, mas também imerso na vida e nos problemas da Igreja e das igrejas que o rodeiam. Ao invés de ser visto como uma figura de autoridade, um polemista causador de divisão, destaca-se na verdade a profundidade da sua convicção de que o Evangelho cristão é tão libertador como verdadeiro e que é para todos os homens e mulheres. Dessa maneira, podemos vê-lo como uma figura de unidade e não de divisão e que afirma vigorosamente a autoridade dos quatro Evangelhos que proclamam o Evangelho de Cristo.

Irineu faz parte das posição proto-ortodoxa, que procurou contrariar as reivindicações dos diversos grupos com ideias bem distintas a respeito da mensagem do Evangelho. Em parte, isso significava que eles tiveram que rejeitar alguns documentos que alegavam terem sido escrito pelos apóstolos, mas que possuíam crenças contrárias. O grupo proto-ortodoxo representava a parte que acabou se tornando dominante no Cristianismo (pelo menos no quarto século), cristãos de todas as gerações posteriores herdaram o cânon das Escrituras, ao invés dos cânones apoiados pelos seus oponentes. Irineu teve então uma contribuição

¹⁵² KANNENGIESSER, C. **Handbook of Patristic Exegesis**. p. 345.

¹⁵³ GRANT, R. M. **Irenaeus of Lyons**. p. 34.

¹⁵⁴ IRVIN, D. T.; SUNQUIST, S. W. **História do Movimento Cristão Mundial**. Volume I. p. 125.

significativa ao afirmar que somente o corpo de doutrinas transmitidos pelos apóstolos na Igreja universal podia garantir a verdadeira fé¹⁵⁵.

¹⁵⁵ IRVIN, D. T.; SUNQUIST, S. W. **História do Movimento Cristão Mundial**. Volume I. p. 160.

REFERÊNCIAS

- BEHR, J. **Irenaeus of Lyons**. Identifying Christianity. Oxford: University of Oxford, 2013.
- BORING, M. E. **Introdução ao Novo Testamento**. História, Literatura e Teologia. Volume 2: Cartas Católicas, Sinóticos e Escritos Joaninos. Santo André (SP): Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2015.
- CARSON, D.A.; MOO, D. J.; MORRIS, L. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1997.
- EUSÉBIO DE CESAREIA. **História Eclesiástica**. São Paulo: Novo Século, 1999.
- GRANT, R. M. **Irenaeus of Lyons**. London and New York: Routledge, 2003.
- IRÉNÉE DE LYON. **Contre Les Hérésies**. Livre III. Tome II: Texte et Traduction. Sources Chrétiennes. Paris: Les Éditions Du Cerf, 1974.
- IRINEU DE LIÃO. **Contra as Heresias**. Denúncia e refutação da falsa gnose. 2. ed. São Paulo: Paulus,
- IRVIN, D. T.; SUNQUIST, S. W. **História do Movimento Cristão Mundial**. Volume I: do cristianismo primitivo a 1453. São Paulo: Paulus, 2004.
- KAESTLI, J.-D. História do cânon do Novo Testamento. In: MARGUERAT, D. (Org.). **Novo Testamento: história, escritura e teologia**. São Paulo: Loyola, 2009. p. 571-606.
- KANNENGIESSER, C. **Handbook of Patristic Exegesis**. The Bible in Ancient Christianity. Leiden, Boston: Brill, 2006.
- KELLY, J. N. D. **Patrística: origem e desenvolvimento das doutrinas centrais da fé cristã**. São Paulo: Vida Nova, 1994.
- ARKSCHIES, C. De meados do século II até o final do século III. In: KAUFMANN, T.; KODJE, R.; MOELLER, B.; WOLF, H. (Orgs.). **História Ecumênica da Igreja I: dos primórdios até a Idade Média**. São Paulo: Loyola; Paulus; São Leopoldo, RS: Sinodal, 2012.
- MINNS, D. **Irenaeus**. An Introduction. London, New York: T & T Clark, 2010.
- OSBORN, E. **Irenaeus of Lyons**. Cambridge: University of Cambridge Press, 2003.
- PELIKAN, J. **Tradição Cristã**. Uma História do desenvolvimento da

Doutrina. Volume 1: O surgimento da Tradição Católica 100-600. São Paulo: Shedd Publicações, 2014.

SCHRÖTER, J. Apocryphal and Canonical Gospels within the Development of the New Testament Canon. **Early Christianity**, n.7, 2016. p. 24-46.

WILHITE, D. E. Second-Century Diversity. In: BIRD, M. F.; HARROWER, S. D. **The Apostolic Fathers**. Cambridge: Cambridge University Press, 2021. p. 50-72.